

CORREIO DO VOUEIRO

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetta collaboração que não seja sollicitada.

A proposito da questão do Lyceu de D. Manuel II.

A minha opinião sobre a imprensa portugueza é conhecida de quem lê este jornal.

Tenho-a manifestado muitas vezes — e não me cançarei de accentua-la, porque nunca é demais insistir na verdade, e chega a ser cobardia moral não o fazer, quando ella nos é imposta pela razão e pelo sentimento.

E a minha opinião, porque é sincera, traduz a verdade como eu a comprehendo, como eu a sinto. E eu comprehendo-a e sinto-o, tão claramente e tão profundamente, que anço por a vêr realisada, acalentado pela esperança de que contribuirei para o resurgimento moral do meu paiz. Esperança que — eu o creio — não ha-de apagar-se de todo, porque a verdade é sempre fecunda, proclame-a, muito embora, o mais humilde dos apóstolos.

E, assim, eu tenho affirmado, e supponho que hei-de affirmar sempre: a imprensa portugueza não realisa a missão que lhe compete, e não a realisa, com a excepção aggravante de — contrariar-la. Equivale isto a dizer que não procura sanar a crise moral, que é de todas as nossas crises a peor, mas concorre antes para que ella se torne cada vez mais sensível.

A imprensa do meu paiz não realisa a sua missão, porque lhe falta independencia, condição indispensavel para o fazer.

Quero fallar da — independencia politica, porque d'esta resulta a independencia moral, a honestidade profissional, a ancia torturante de encontrar a verdade, a alegria consoladora de a proclamar.

Eu não comprehendo um jornal politico partidario: um jornal que applaude *sempre, invariavelmente*, os homens do seu partido, que não tem liberdade para lhes apontar um erro, para lhes censurar um acto, como se já não fosse verdade que *errare humanum est*, como se a humanidade tivesse atingido já a perfeição absoluta...

E — ninguém o negará — o jornal partidario entre nós é isto. Ha excepções? Talvez. Mas o jornalista, que tenha a honestidade bastante para dizer que um homem do seu partido errou, é logo inscripto no livro dos... traidores.

Eu não posso comprehender o partidario d'este modo. E, por isso, sem duvida, estou fóra de todos os partidos. Presinto que, se amanhã me filiasse em algum, a minha individualidade moral tornar-se-ia indecisa, chegaria a apagar-se de todo. Quantas vezes escreveria, dando a impressão de ser sincero, se para tanto tivesse habilidade, e não estando, afinal, a fazer mais do que *dar forma ás ideias do patrão*, na phrase d'um jornalista portuense, que a si mesmo a applicou, quando tive a franqueza de lhe dizer que o jornal em que elle escreve é dos mais

anti-moraes e anti-sociaes que eu conheço.

Mas é tempo de apontar o facto que determinou o ensejo de repetir hoje o que tantas vezes tenho dito.

Não darei novidade a ninguém, notando que parte da imprensa de Lisboa e do Porto se tem ultimamente referido a assumptos relativos ao lyceu D. Manuel II, distinguindo-se n'esse trabalho, entre outros, o *Primeiro de Janeiro*.

Não vou eu accrescentar nem tirar uma palavra ao que os jornaes têm dito, pela unica razão de que não vou discutir o assumpto que os preoccupa. Não sei mesmo se um jornalista honesto o deveria fazer, pelo menos com os detalhes a que elles têm descido. O que sei é que não posso eu, nem devo, fazê-lo. E por este motivo: as minhas palavras não me seriam attribuidas, na exclusiva qualidade de redactor d'este semanario. A minha acção, portanto, resultaria inutil, ou, talvez, prejudicial.

Mas o que eu posso fazer, o que eu não devo deixar de fazer, é aproveitar o ensejo de mais uma vez justificadamente afirmar que a imprensa portugueza contraria a missão que deveria desempenhar. Note-se bem: Não se limita a não desempenha-la; contraria-a, o que é muito mais grave.

O *Primeiro de Janeiro*, por exemplo, na questão do lyceu D. Manuel II, esqueceu isto que é fundamental: a imprensa não julga; a imprensa prepara a opinião publica para julgar. Mas prepara-a com honestidade, com independencia, fornecendo-lhe todos os elementos precisos para descobrir a verdade, sem distinguir nenhum d'elles com a sua sympathia ou aversão.

Está o *Janeiro* a proceder deste modo?

Não.
Vou prova-lo, apontando um unico facto. Poderia apontar mais, mas não quero. Sairia, talvez, fóra do fim que me propuz.

O professor Angelo Vidal dirigiu-se á redacção d'aquelle diario, a pedir para lhe publicarem uma carta em que declarava a significação que devia attribuir-se ao facto de ter abandonado a ultima reunião do conselho escolar do lyceu D. Manuel II. E fazia-o, porque o *Janeiro*, na noticia que deu do facto, lhe attribuiu significação absolutamente opposta.

Como procederia um jornal que comprehendesse a sua missão, ou melhor, que estivesse disposto a realisa-la?

Publicaria, sem a mais ligeira reluctancia, antes com a satisfação de cumprir um dever, a carta do professor Angelo Vidal; deixaria até ouvi-lo sobre o assumpto debatido, não deixando nunca de dar conta ao publico do que por ventura elle dissesse.

Mas o que aconteceu?

Simplemente isto que chega a ser inacreditavel: foi preciso que o professor Angelo Vidal dissesse terminantemente que, não lhe accetando a sua declaração, faria constar, por todos os meios, essa

recusa, para... a publicarem na secção dos casos da rua, quasi pelos annuncios dentro!

Eu o confesso: percorri todo o jornal, com o unico intuito de a encontrar, e não o consegui. E' que eu supuz sempre que ella viria sob a mesma epigraphe que encimava o artigo que a provocou, ou, ao menos, em logar em que toda a gente a visse.

Não se fez assim, mas era justo, honesto, digno que se tivesse feito.

Mais: O professor Angelo Vidal expoz ao redactor, a quem se dirigiu, o que pensa e o que sabe sobre o caso do lyceu D. Manuel II. Elle mesmo, tendo-o recebido indifferentemente, desde que o reconheceu, mostrou-se attencioso, aparentou interessar-se pela exposição, e chegou mesmo, n'um excesso de amabilidade, a formular algumas perguntas.

O que era justo, honesto, digno que depois fizesse?

Dar conta do que ouviu, para prestar á opinião publica mais um elemento de apreciação.

Nem uma palavra. E fez mais, como já notei: procurou esconder, quanto possível, a declaração que o professor Angelo Vidal formulou no uso d'um direito indiscutivel, direito a que correspondia, por parte do jornalista, um dever indisciplinavel: accetta-la.

Nem este, ao menos, o *Primeiro de Janeiro* cumpriu — porque a não accetou; impuzeram-lh'a.

Eis narrado com toda a simplicidade um facto que tem para mim esta alta significação — revela-me o que vale a imprensa portugueza; e este merecimento precioso — dá-me direito a mais uma vez condemnar os processos adoptados pelos jornaes do meu paiz, e apontar a verdade, como o meu espirito a comprehende e o meu coração a sente; aponta-la com energia, com desassombro, instigado pela consciencia de cumprir um dever e pelo desejo ardente de a ver triumphar.

E se eu penso nas razões que determinam a deshonestidade que, de tantos modos se manifesta na imprensa portugueza, encontro, entre as fundamentaes, a falta de independencia politica. Eu descubro quasi sempre, por detraz de toda a incoherencia, de toda a immoralidade, de toda a baixeza, de que, em geral, os jornaes portuguezes, dão provas flagrantes, o interesse politico, sob a sua forma mais mesquinha e mais repugnante: o facciosismo.

Não sou eu o primeiro a dizê-lo, bem sei. Mas se tantos que o reconhecem, que o censuram, não deixam de pratica-lo, não será consolador ter a consciencia de que se faz um esforço para ser coerente, não o praticando?

Essa consolação eu a sinto e só ella me dá animo para proseguir nesta obra modestissima a que o meu espirito se dedica devotadamente.

Alfredo R. Coelho de Magalhães.

GAZETILHA

Já viram mór arrelia
Nesta triste quadra de anno
Do que um pobre fabiano
Antegosar da alegria
De ter, na paz do Senhor
(Que desejo a toda a gente),
Um somno reparador
Na sua caminha quente,

E sentir sobre os telhadros
Por entre chuvas e frios
Uns barulhos que arpepios
Causam na espinha, e acordados
Nos fazem ficar á escuta
Receiando vêr surgir
Uns féros typos que em luta
Tenhâmos de repellar?!

E volvidos uns momentos,
O coração a dar saltos,
Perceber lá p'los altos
Gemidos, gritos, lamentos,
De varios tons e feito
Com que, levados da bréca,
Gatos em doce mavio
Nos veem tirar a somneca?!

Se já viram cousa assim
Devem, senhor's, confessar
Que não ha maior pezar,
Maior arrelia emfim
Do que a gente não poder
Zurzir os gatos a pau
Que o somno nos vem tolher
Com fanhoso ronhauhau!

20—1.º—910.

EL-VIDALONGA.

O que é o "Povo d'Aveiro"

IV

No artigo anterior fizemos estas duas affirmações:

1.ª — O *Povo d'Aveiro* é capaz de dirigir os mais infamantes nomes e attribuir os mais deshonorosos factos sêja a quem fôr, embora não tenham o mais ligeiro fundamento as suas accusações.

2.ª — O *Povo d'Aveiro*, começando por chamar ladrão a um homem, acaba, em virtude d'um innegavel desequilibrio das faculdades de quem o escreve, por dizer que todos são ladrões.

E d'ellas tirámos a seguinte conclusão:

Ninguém, que pretenda julgar conscientemente, pode saber quando elle diz a verdade.

Falta-nos prova-las. E' o que vamos fazer:

O *Povo d'Aveiro*, de 19 de dezembro de 1909, diz o seguinte do sr. dr. Eugenio Ribeiro, d'Agueda, que conhecemos apenas de nome e cujo jornal já não lemos nem sequer vemos ha mais de quatro annos:

Nesta occasião (quando se filiou no partido republicano), sendo um dos redactores da *Independencia*, falsificou uma letra de divida assignada pelo Conde da Borralha, Manuel Bento Saldanha e Antonio de Sousa Sucena, roubando-

lhes assim a propriedade do jornal.

A accusação é gravissima. Quando a lêmos, pensámos do seguinte modo: se se trata d'uma infamia, este caminho se impõe ao dr. Eugenio Ribeiro: desfazê-la, da maneira mais completa, perante a opinião publica, e chamar depois o *Povo d'Aveiro* á responsabilidade criminal.

E' o que nós faríamos, com a convicção de procedermos da unica maneira digna. Por isso mesmo desejavamos anciosa mente que o dr. Eugenio Ribeiro procedesse do mesmo modo.

Esperámos, e pouco dias decorridos vimos publicado, entre outros, este documento:

Declaro eu Manuel Bento Saldanha Camossa, casado, proprietario, da Quinta dos Bregadas, da freguezia de Recardães, d'esta comarca d'Agueda, ter recebido do sr. dr. Eugenio Ribeiro, casado, medico, da villa d'Agueda, a quantia de... importancia por que lhe vendi o direito que tinha á empresa e material da *Independencia* de Agueda, de que era co-proprietario, ficando por isso sem effeito o documento que entre nós fizemos. E por ser verdade, mandei passar este que vou assignar.

Agueda, 25 de dezembro de 1907.

(a) Manuel Bento Saldanha Camossa.

A' data deste documento a *Independencia d'Agueda* pertencia aos srs. drs. Eugenio Ribeiro e Manuel Bento Saldanha Camossa: o sr. Antonio de Sousa Sucena tinha-se desligado da empresa, e o sr. Conde da Borralha, que o substituiu, havia já feito o mesmo.

E este, pelo menos, parece não ter recebido nenhum agravado do sr. Eugenio Ribeiro. D'outro modo, não o trataria, em carta que vimos publicada, por meu bom amigo.

Estava demonstrado, emquanto não fosse arguida e provada a falsidade dos documentos apresentados, que a accusação do *Povo d'Aveiro* não passava duma infamia.

Com o nobre interesse de quem deseja apurar a verdade, ficámos á espera de ver o procedimento d'aquelle jornal.

Uma de duas coisas se impunha: ou arguir e provar a falsidade dos documentos publicados ou rectificar as accusações calumniosas.

Nem uma nem outra coisa o *Povo d'Aveiro* fez, mas cometteu a extraordinaria cobardia moral de, por deferencia para com um amigo, prometter não voltar ao assumpto... até ver.

Historiemos.

O sr. Conselheiro Albano de Mello, que não conhecemos pessoalmente, mas a quem temos ouvido fazer as mais elogiosas referencias, escreveu na *Soberania do Povo* um artigo em que, invocando motivos de sympathia e affecto para com a familia Homem Christo, pede ao director do *Povo d'Aveiro* que deixe Agueda em paz, esperando do seu espirito um gesto de generosidade que, muitas vezes, é um gesto de desprezo.

O *Povo d'Aveiro*, transcreven-

do na integra, no seu numero de 9 do corrente, o artigo do sr. Conselheiro Albano de Mello, responde:

Pois seja. Fique mais uma vez demonstrado que d'alguma coisa vale a habilidade e a intelligencia. Quando se sabe escrever como o sr. Conselheiro Albano de Mello ganha-se direito á deferencia.

Agueda que fique em paz, como o sr. Albano de Mello deseja.

Agueda ficará, pois, em paz... até vêr.

E' ainda o Povo d'Aveiro quem o diz, naquella mesmo numero, mas a um canto, na quarta pagina, quasi pelos annuncios dentro, como quem quer esconder a contradicção das suas affirmações, e ao mesmo tempo prevenir a necessidade duma justificação futura:

Tinhamo-nos limitado a publicar informações d'Agueda. Ainda não tinhamos entrado directamente em scena. Quando nós entrassemos e iamoz fazê-lo hoje, era peor. Mas como veio o artigo do sr. Conselheiro Albano de Mello, e como resolvemos acceder ao seu desejo, não passaremos, até vêr, d'estas simples palavras.

Qual é o desejo do sr. Albano de Mello? Que o Povo d'Aveiro deixe Agueda em paz, isto é, que não torne a atacar os homens da sua terra pelos processos de que usa.

Accedeu o Povo d'Aveiro, sem restricções, ao desejo do sr. Albano de Mello, na segunda pagina do seu numero 1342, accedendo apenas... até vêr, na quarta pagina do mesmo numero.

Notada a contradicção, que é syntomatica, passemos ao que interessa directamente ao nosso fim.

*

Acreditamos que o sr. Albano de Mello seja sincero, porque é tradicional o amor que os aguedenses tem á sua terra.

Não nos repugna, portanto, acceitar que lhe venham do coração estas palavras:

Vejo a minha terra quasi em insurreição. O Povo d'Aveiro rebenta em Agueda como as bombas dos libertarios rebentam nas praças publicas e nos templos das cidades populosas, e eu amo a tranquillidade e a paz da minha villa tão amada.

Mas a sinceridade, a habilidade, a intelligencia, todas as excellentes qualidades que se reconhecem no sr. Albano de Mello, justificam que o Povo d'Aveiro não rectifique as accusações calumniosas que fez? Que as deixe ficar de pé, prometendo não dizer mais nada... até vêr, por deferencia para com um amigo? Que insinue, por processos reveladores d'uma grande cobardia moral, que não só é verdadeiro o que disse, mas que ha muito mais a dizer? Que se calle... até vêr, deante de documentos comprovativos de que todas as suas accusações são calumnias, são infamias?

Temos ouvido dizer que o artigo do sr. conselheiro Albano de Mello não passa d'um expediente habilidoso para levantar o Povo d'Aveiro da situação miseravel em que o collocaram os documentos publicados pelo sr. dr. Eugenio Ribeiro.

Não será assim. As referencias que temos ouvido fazer ao sr. conselheiro Albano de Mello, as suas responsabilidades como homem e como politico, o tradicional amor dos aguedenses á sua Agueda-linda, tudo nos leva a crêr que não será assim. Mas—o sr. Albano de Mello já o deve ter sentido—o procedimento do Povo d'Aveiro auctorisa a suppô-lo.

*

O sr. dr. Eugenio Ribeiro de-

monstrou, da maneira mais completa, que as accusações do Povo d'Aveiro representa m simplesmente uma infamia. E este jornal, não tendo a coragem, que a honestidade apenas daria, de confessar-la e rectifica-la, provou que é capaz de attribuir os mais des-honrosos factos seja a quem fôr, sabendo, muito embora, que não tem o mais ligeiro fundamento as suas accusações.

Provou que todos os meios lhe servem para attingir o seu fim—inutilisar os republicanos, não vendo que, exactamente por isso, nunca o conseguirá.

Não vê, nem pôde vêr, porque o domina a odiosa paixão da vingança, e não a paixão nobre pela realisação d'uma ideia justa; porque o determina o odio aos republicanos que o desprezaram, e não o amor pela patria, pela humanidade...

Onde quer que appareça um republicano, lá está elle para o inutilisar. Mas não o consegue. Não o conseguirá nunca—seja embora justo o seu fim. E não o consegue, porque apenas o pôde acreditar quem, como elle, tiver odio aos republicanos, quem, como elle, desejar vê-los esmagados, fusilados, quem, como elle, sentir apertar-se-lhe o coração só de lembrar-se que ha-de morrer sem sentir a extranha alegria de saber que o paiz foi metralhado num momento em que só republicanos se encontravam na rua.

Acredita-lo-ha, por exemplo, o nosso contemporaneo da Universidade que, numa explosão de odio, affirmou que sentiria alegrar-se-lhe a alma se visse o Affonso Costa esmagado debaixo d'um electrico.

Não o acreditará quem tiver independencia de espirito, quem pretenda julgar conscientemente, porque não poderá saber nunca quando elle diz a verdade.

Fica provada a primeira das nossas affirmações. Da segunda, são innumeradas as provas. Começaremos a apresenta-las no proximo artigo.

SECÇÃO LITTERARIA

ALTISSIMA

Em nome desta chama que em mim arde eu me persigno e te abenço a ti, ó creatura que virias tarde se eu não subisse aonde já subi!

E' que não ha dragão nenhum que guarde as portas do palacio em que eu te vi, e quem não tenha a aspiração covarde sempre se poude aventurar ali.

Porque roubei ao Ceu o fogo santo, meu vôo eu arrojé por toda a altura na febre de a correr de canto a canto...

E a agnia audaz que se elevou ligeira em ti agora, ó minha Irmã, procura reconhecer a antiga companheira!

Antonio de Monforte.

FIGLIA di JORIO

A Mimi Aguglia

Gestos sobrios, voz rithmica e sonora, Cheia d'angustia e cheia de canceira; N'essa voz, em soluços, quando chora, Chora, soluça a humanidade inteira.

Varam-lhe o olhar relampagos d'aurora, Clarões inextinguíveis de fogueira, E a gente, na afflictão que nos devora, Põe-se a chorar, quer queira quer não queira.

N'ella reacende-se o Hellenismo, aquece-a; As tragedias olympicas da Grecia, Sente-as ella, revive-as dentro em si...

Os que a veem e a escutam vão rendidos: Porque a escutei, bem hajam meus ouvidos! E bem hajam meus olhos porque a vi!

Alberto Monsaraz.

(Do numero especial da Patria Nova, em homenagem a Mimi Aguglia.)

NOTICIARIO

Fallecimento—Falleceu no dia 15, em Alquerubim, a sr.^a D. Maria Correia de Bastos Amador, esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Maria Amador, digno chefe de conservação.

A illustre extincta, que contava 53 annos, era estimadissima pelas raras qualidades do seu coração.

Ao inconsolavel viuvo e a toda a sua ex.^{ma} familia, enviamos sentidissimas condolencias.

Boas-festas—O nosso amigo, sr. Manuel Bastos, digno almoxarife da *Manaus Harbour Ltd.*, residente no Brazil, teve a gentileza de enviar-nos as boas-festas, num cartão lindissimo.

Agradecemos e retribuimos muito affectuosamente os seus cumprimentos, desejando-lhe as maiores felicidades.

Mortos illustres—Falleceram, ultimamente, os nossos antigos professores e illustres cathedraicos da Universidade, srs. drs. Frederico Laranjo, Lopes Vieira e Avelino Callisto.

Sempre os admirámos e respeitámos, e por isso foi profundamente commovido que lêmos a noticia da sua morte.

Santos Martyres—Realisou-se, no ultimo domingo, a solemnidade dos Santos Martyres de Marrocos, em Travassô.

Como de costume, foi muito concorrida.

Instrucção Primaria—Foram auctorizadas as permutas das sr.^{as} D. Maria Nunes Vidal, professora em S. João de Loure, para a de Lamas; D. Alda Osorio, da de Lamas, para a da Ermida; e da de Ermida para a de S. João de Loure.

—Na sessão de quinta-feira, o conselho superior de instrucção publica foi favoravel ao provimento da sr.^a D. Deolinda Gloria Figueiredo no lugar de ajudante da escola masculina d'esta villa.

Assassinato—No dia 13 do corrente, praticou-se mais um crime de assassinato na freguezia de Requeixo.

O nosso collega *Soberania do Povo* relata-o nestes termos:

«Manuel Nunes, de 20 annos, lavrador, filho de Antonio Nunes Maragoto, de ha tempos que andava de relações cortadas, por causa d'uma rapariga, com um seu visinho, rapaz de 22 annos de idade, filho de José do Forno.

Na quinta-feira, ao sol posto, andando o Nunes nas obras da estrada, junto á casa do segundo, este, apparecendo á porta, jogou umas ameaças, de mistura com algumas inconveniencias, áquelle que as ouviu caladamente por algum tempo. Quando, porém, lhe ia a retorquir, a mãe, que de ha muito andava receiosa de alguma desgraça, segurou-o, pedindo-lhe que o deixasse, que não fizesse caso d'elle.

Então o filho de José do Forno, enfurecido, vae dentro e, vindo novamente á porta, num abrir e fechar d'olhos, descarrega um tiro de revolver na cabeça do Nunes. O desgraçado caiu logo pesadamente no chão, banhado em sangue, morrendo passados poucos instantes nos braços da mãe, que o havia segurado para que elle não se mettesse em desordem com o seu inimigo.

O assassino foi preso e enviado ás cadeias d'Aveiro.

Festa de S. Sebastião—Foi adiada para abril a festividade em honra do martyr São Sebastião que quasi todos os annos costuma realizar-se nesta villa no mez de janeiro.

Pela imprensa—O nosso collega de Coimbra, *Patria Nova*, jornal monarchico academico, publicou no dia 20 do corrente um numero especial de homenagem á grande artista Mimi Aguglia, em que collaboraram, entre outros, os distinctos academicos srs. Veiga Simões, Hypolito Raposo, Antonio de Monforte e Alberto Monsaraz.

Aos nossos colaboradores—Por a termos recebido tarde, não podemos publicar neste n.^o uma carta do nosso amigo e assignante sr. Joaquim de Vasconcellos.

Somos obrigados tambem, por falta de espaço, a deixar para o proximo n.^o a correspondencia de Manaus.

Desastre—Quando na sexta-feira o nosso amigo e conterraneo sr. José Fernandes Mascarenhas regressava em carro de Aveiro, uma das rodas partiu-se, começando o cavallo a correr á desfilada, a ponto de o carro se voltar numa valeta.

O sr. Mascarenhas soffreu algumas contusões.

Lamentamos a occorrença e desejamos que este nosso amigo se restabeleça depressa.

Jantar de despedida—Em honra do nosso presado amigo Luiz Felix Pereira de Menezes, interessado da importante casa commercial Cardoso, Moreira & C.^a, do Porto, que brevemente deve partir para o Brazil em viagem de propaganda, realisou-se no dia 16, no pitoresco restaurant, o *Tunel*, d'aquella cidade, um esplendido jantar, offerecido pelos redactores, colaboradores e amigos do jornal, *O Caixeiro do Norte*, a que assistiram os srs.: Luiz Felix Pereira de Menezes, João Gonçalves, Armindo Peixoto, Francisco Costa, José do Sul, Adolpho Rodrigues, Emerenciano Baptista Junior, Alvaro Ribeiro de Faria, José Marques de Figueiredo, Baptista Junior, João Lima, Antonio Marques, Alfredo Telles, Antonio Magalhães Cunha, Antonio Santos Cunha, Francisco Rodrigues da Silva Mattos, João da Costa Campos, Miguel Moreira Pacheco Junior, Augusto Moreira, dr. Alfredo Coelho de Magalhães, João Antonio Vieira de Magalhães e José Ferreira de Magalhães.

O jantar decorreu animadissimo, trocando-se, ao champagne, brindes muito cordeas.

Aproveitamos a occasião para protestar ao querido amigo Luiz Felix Pereira de Menezes a nossa mais viva e justificada sympathia, desejando-lhe que encontre no Brazil, que vae visitar pela segunda vez, as maiores felicidades.

Suspensão—Como dissemos no ultimo numero, o digno parcho d'esta freguezia está suspenso por quarenta dias.

Os seus parochianos, que justamente o estimam, resolveram dirigir ao sr. Bispo-Conde a petição que abaixo publicamos e que hontem lhe foi entregue em Coimbra por uma comissão composta dos nossos amigos e conterraneos srs: major David Ferreira da Ro-

cha, José Antonio de Carvalho Junior, Manuel Dias Saldanha, Antonio Simões da Silva, Manuel Nunes de Carvalho e Silva e Sebastião Rodrigues de Figueiredo.

Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde:

Constando aos abaixo assignados, parochianos da freguezia de Santo Isidoro d'Eixo, que ao seu reverendo parcho Manuel da Cruz foi imposta por V. Ex.^a a penal suspensão de 40 dias, e por motivos alheios ao serviço parochial; serviço este em que o nosso prior é digno de ser imitado por todos os bons parochos, pois cumpre religiosamente todos os seus deveres parochiaes, ora ensinando com paciencia evangelica ás creancinhas a doutrina Christã, ora distribuindo esmolras pelos pobres da freguezia, que alguns benfeitores lhe entregam para tal fim, ou ainda as que elle distribui á sua custa, e isto numa freguezia cujos redditos parochiaes mal chegam para o parco sustento do parcho; sendo ainda a sua conducta, quer como sacerdote quer como homem, a mais consentanea com os preceitos da Igreja e os deveres do cidadão, o que lhe tem grangeado a estima geral não só dos seus parochianos mas ainda a das pessoas estranhas a esta freguezia.

Por todos estes motivos, e por muitos outros que poderiamos adduzir em abono do caracter, intelligencia e compostura do nosso parcho; vimos nós perante V. Ex.^a pedir instantemente que se digne dar-lhe por expiada a culpa que entendemos impôr-lhe, ou melhor ainda mandar que tal castigo desapareça dos registos do nosso bom parcho. Se houve falta, saldada está ella com a simples imposição da pena.

Não queremos nós, Ex.^{mo} Sr., apreciar os motivos que determinaram a severa punição applicada; o que deveras sentimos é que aos olhos dos maus possa parecer menos digno, quem é no exercicio das suas funções sacerdotaes e parochiaes o mais correcto dos parochos. Creia V. Ex.^a que não exageramos; e se alguma sombra de duvida possa restar no espirito de V. Ex.^a sobre o que deixamos dito não lhe faltam de certo meios de poder certificar-se do que avançamos; é uma freguezia inteira que não podendo toda transportar-se ao paço da residencia de V. Ex.^a, delega na commissão aqui presente o mandato de vir perante V. Ex.^a solicitar-lhe que ordene ao nosso reverendo parcho a reintegração immediata das suas funções. Se V. Ex.^a houver por bem acceder aos nossos rogos praticará mais uma vez uma das nobilissimas acções que tanto tem illustrado a administração de V. Ex.^a n'esta diocese; e assim tendo já dado satisfação á justiça que porventura haja presidido á instauração do processo que fundamentou o seu veredictum, terá V. Ex.^a agora a consolação de, dado o perdão, haver exercido a mais nobre das prerogativas episcopaes, e que produzirá em V. Ex.^a a grata consolação de quem pratica o bem. O proprio Christo perdoou aos que o mataram.

Eixo, 22-1-910.

Assignaturas:—David Ferreira da Rocha, Sebastião Rodrigues de Figueiredo, Antonio Simões da Silva, Manuel Nunes de Carvalho e Silva, José Antonio de Carvalho Junior, João Simões de Carvalho, Manuel Marques Ferreira, Sebastião Pereira de Figueiredo, João Simões Pereira, João Rodrigues Fernandes, José Rodrigues Felizardo, José d'Almeida Barbosa, Manuel Maria Martins, Paulo Ferreira da Costa, José Antonio de Carvalho, Manuel Rodrigues Fernandes Junior, José Teixeira, Manuel Marques Lopes, José Fernandes de Jesus, Manuel Fernandes Trindade, Manuel Luiz Ferreira, José Ayres Fernandes, Venancio Dias d'Almeida, Jethro Ferreira da Costa, Pio Martins Pereira, Avelino Dias de Figueiredo, Manuel Dias Saldanha, Calisto Dias Saldanha, Aristides Dias de Figueiredo, José de Pinho Leonor, Carlos Rodrigues de Figueiredo, Venancio Rodrigues de Figueiredo, José de Magalhães Barbosa, Silverio Rodrigues Fernandes, Padre Joaquim da Silva Netto, Manuel Dias d'Almeida, Abel Joaquim Marques, José Fortunato Coelho de Magalhães, Clemente Fernandes da Silva, José Liborio Ferreira, João Fernandes Mascarenhas, Jayme Moreira Longo, Filipe Fernandes Trindade, Manuel Marques Gomes, Manuel Marques Jamvelho, João Luiz Ferreira, Manuel Maria Dias Morgado, Mathews Rodrigues Annileiro, João da Cruz Pericão, João Martins de Pinho.

Além d'estes, outros dos nossos conterraneos assignaram a petição que acima publicamos. Darémos no proximo numero os seus nomes.

Pela politica—Como os nossos leitores facilmente comprehendem, não é facil dizer quem foi eleito chefe do partido regenerador.

Uns dizem que foi o sr. Teixeira de Souza; outros, o sr. Campos Henriques.

Ocultamos a nossa opinião, a fim de ficarmos nas boas graças d'ambos.

O COMETA DE HALLEY

Approxima-se da terra com a velocidade de 156:000 kilometros á hora o cometa Halley.

Muitas creaturas andam inquietas, receando que a sua apparição venha a influir na existencia normal do planeta que habitamos.

As opiniões dos sabios são tranquilisadoras. D'algumas têm dado conta os jornaes estrangeiros e portuguezes.

Por falta de espaço, limitamos a apresentar a d'um astrónomo portuguez, director do observatorio astronomico da Ajuda, que foi entrevistado por um redactor do *Seculo*:

«Final, não hadeque ter medo. A passagem do cometa proximo da terra não é phenomeno para assustar. E tudo que se disser em contrario visa apenas a mortificar injustamente uma população, a alimentar crendices que não têm a menor base de apoio. O cometa de Halley mostra-se na sua primeira phase como uma nebulosa; depois, á medida que se approxima do seu perielio, a cauda desenvolve-se cada vez mais. No seu perielio, a 20 de abril, o cometa passa mais perto do sol que de Venus, ou seja á distancia de 22.400:000 leguas. Recebe nessa occasião do astro rei 3:600 vezes mais luz e calor do que no afelio, em que a distancia se eleva a 300.000:000 de leguas. A velocidade com que elle avança actualmente sobre nós é de 156:000 kilometros á hora.

—O cometa será bem visivel na madrugada de 18 para 19 de maio? — perguntou-lhe o redactor do *Seculo*.

—Para os observadores astronomicos, responde elle, já o é actualmente sob a forma de uma minuscula estrellita. Na data indicada como a da menor distancia a que se encontrará da terra também será bem visivel e é até possível que provoque perturbações electricas e magneticas nas regiões superiores da atmospheria. No entanto, algumas semanas antes e depois da sua passagem perto de nós, devemo-lo vêr a olho nu, porque o brilho que o caracteriza é dos mais intensos que a sciencia tem registado.»

VENDE-SE uma casa terrea, sita na rua do Barreiro, com quintal, medindo o dito quintal 804 metros quadrados. Quem pretender pôde dirigir-se a João Gonçalves Ramalho. Rua de S. Miguel, n.º 34-1.º, Lisboa.

IGNORANTE

Nunca fôra possível conseguir que a Laurita aprendesse a lêr e a escrever.

Os paes, que a adoravam, tinham com isto um grande desgosto, não só porque anteviam os inconvenientes e o desaire, a que de futuro estaria sujeita em consequencia da sua negação para o estudo, como também porque temiam que sobre elles a sociedade, e até — quem sabe? — a propria filha, mais tarde fizessem recahir a responsabilidade da completa ignorancia que, por uma obstinação inexplicavelmente caprichosa, a Laurita persistia em votar-se.

A pequena era dotada de um genio imperioso e activo, que não se vergava nem aos conselhos mais brandos nem aos ralhos mais asperos. Portanto, os paes teriam que desistir dos seus esforços — que aliás não levaram muito longe, reacios, talvez, de magoarem a filha

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Encontra-se, outra vez, bastante doente o nosso amigo sr. padre Antonio Augusto d'Oliveira Santos, digno parocho em Frossos.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

—Tambem passa incommodado o nosso amigo sr. Manuel Francisco Athanasio de Carvalho, antigo vereador da camara municipal d'Aveiro e importante proprietario em Requeixo.

—Encontra-se melhor dos seus incommodos, o que muito estimamos, o notavel jurisconsulto sr. Dr. José Maria Barbosa de Magalhães.

Estadas

Esteve entre nós, retirando já para Lisboa, o nosso amigo e conterraneo sr. Calixto Saldanha.

—Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. padre Mannel da Cruz, José Antonio de Carvalho Junior, Avelino Dias de Figueiredo, major David Ferreira da Rocha, Manuel Nunes de Carvalho e Silva e Paulo Ferreira da Costa.

—Esteve, ha dias, no Porto, o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Dias Saldanha.

—Com a sua esposa e filhinhos encontra-se aqui o nosso bom amigo e conterraneo sr. Antonio do Carmo de Magalhães, digno e considerado commerciante no Barreiro (Lisboa).

Aniversarios

Completa seis annos no dia 16 o menino Armando, dilecto filho do nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães e sobrinho do director d'este jornal.

Desejando ao gentil Armando as maiores felicidades, enviamos-lhe muitos beijos.

Partidas e chegadas

Seguiu para S. Thomé o novo delegado do procurador da corôa e fazenda da 1.ª vara d'aquella comarca e nosso presado amigo sr. Dr. Jayme Dagoberto de Mello Freitas, a quem desejamos as maiores felicidades.

Padaria

Trespasa-se a padaria sita em Villa Nova de Gaya, rua dos Polacos n.º 1. Está muito bem afreguezada, cosendo tres sacas de farinha por dia.

Trata-se na mesma rua e n.º

a quem dedicavam o mais extremo affecto.

Entretanto, repetidas vezes lhe diziam:

—Laura; quando tu fores uma senhora has-de arrepender-te amargamente da tua preguiça. Entrando no convivio de pessoas de educação elevada, procurarás debalde occultar-lhes a tua ignorancia; que a todo o momento has-de revelar e que te encherá de vergonha. Poderás então apreciar quanto eram cordatos os conselhos que hoje te damos e que até agora tens sempre desattendido.

Mas bem se importava a Laurita com estas e outras que taes advertencias paternas!

Ris, brincava, fazia toda a qualidade de travessuras, e assim ia passando a sua descuidosa infancia, sem consentir em sacrificar ao estudo das primeiras lettras algumas horas dos seus folguedos.

Final a creança tornou-se mulher, e os paes — guias demasiada-

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Costa de Vallade, 19

Ha já algum tempo que não dou noticias aos leitores do *Correio do Vouga*. Elles me desculparão, decerto, porque, a justificar a minha falta, ha razões como estas: a doença, a pouca fertilidade desta terra em materia de novidades, e a preguiça que é atributo de toda a gente que comprehende o grande principio de que «quem se mata morre cedo.»

—Depois d'alguns dias de sol esplendido, visita-nos novamente a invernã. Desde hontem que chove por aqui a valer.

—Dizem-nos de Alquerubim ter fallecido alli a sr.ª D. Maria Correia de Bastos Amador, virtuosa esposa do sr. Manuel Maria Amador, digno chefe de conservação das obras publicas.

A extincta era muito estimada pelas suas excellentes qualidades de espirito e coração.

A toda a familia enluctada, especialmente ao sr. Amador, envio a expressão sincera das minhas condolencias.

—No visinho lugar do Carregal, freguezia de Requeixo, praticou-se, ha dias, um crime de assassinato.

Não conto como o caso se deu, porque não sei.

De visita á sua sogra, a sr.ª D. Maria Sobreiro, esteve aqui a sr.ª D. Thereza Pereira de Mello, de Ouca.

—Tambem esteve entre nós, o meu amigo sr. Armenio Dias dos Santos Ferreira, digno empregado d'uma casa commercial do Porto. — *Juvemal.*

Oliveirinha, 14

(RETARDADA)

Como prometti na minha ultima correspondencia, vou occupar-me da distribuição do correio nesta freguezia, assumpto de que já tratei, ha quatro ou cinco mezes.

Da maneira como o serviço está organizado, é impossivel alguém responder, na volta do correio, a uma carta, a não ser que se sujeite ao sacrificio de ir ou mandar leva-la á Costa de Vallade.

Esta impossibilidade, que muitas vezes causa serios transtornos, desaparecia muito facilmente e, pode dizer-se, sem augmento de despeza para o Estado.

Bastaria isto: arranjar quem levasse a mala d'aqui á Costa de Vallade ás seis horas da tarde.

Quanto poderia gastar-se com este serviço? Estamos certo de que haverá quem o faça por 30 ou 40 reis, verba esta que seria compensada pelo augmento na venda de estampilhas, pois deve dizer-se que muita gente deixa ás vezes de escrever, exactamente para evitar o sacrificio de ir ou mandar á Costa de Vallade.

Esperamos que o digno encarregado da estação da Costa de Vallade leve ao conhecimento dos seus superiores as condições em que o povo d'esta freguezia se encontra a respeito do serviço do correio. Talvez seja a melhor maneira de conseguir o que, afinal, é de toda a justiça.

Voltaremos ao assumpto, se por ventura ainda d'esta vez as instancias superiores não reconhecerem que é preciso satisfazer a instante necessidade que ha quatro ou cinco mezes pela primeira vez apontámos.

Idem, 20

Falleceu hoje, de madrugada, o sr. José Diniz Ferreira, pae dos nossos amigos srs. José e Diamantino Diniz Ferreira.

O extincto era muito estimado. A toda a familia enluctada, sentidos pesames.

—Encontra-se doente o nosso amigo sr. Elias Marques Mostardinha, cujas melhoras sinceramente desejamos. — C.

mente indulgentes d'aquelle espirito transviado — tentaram um ultimo esforço, esperançados ainda em conseguirem o que até então baldadamente haviam diligenciado.

Tomaram para casa uma preceptora, a quem incumbiram a educação litteraria da filha, promettedo-lhe, além dos honorarios estipulados, uma generosa recompensa, se os seus esforços obtivessem o desejado exito.

A preceptora — mulher intelligente e habil — principiou por estudar o caracter da sua educanda; e, reconhecendo que a vaidade era o sentimento que nella dominava sobre todos os outros, tentou leva-la pela vaidade.

Fez-lhe vêr que a mulher, no nosso seculo, carece de ser instruida, para que atinja o nivel intellectual e moral a que tem de exercer se a sua missão, e não seja insolentemente considerada um simples objecto de luxo e de prazer. Mostrou-lhe que era bem mais digno e glorioso saber ler do que usar um chapéu de plumas vistosas; muito mais acceitavel ostentar alguns co-

Troviscal, 20

No proximo passado domingo, 16 do corrente, festejou-se no visinho lugar de Malhapão (Oyã) o S.º Amaro. Como é costume todos os annos, foi a festa muito concorrida. Ahrilhou-se a musica da Palhaça.

Na vespera houve entremez e variado fogo do ar.

No dia as usuas cerimoniaes religiosas.

—Em virtude d'um parto infeliz, falleceu no mesmo lugar de Malhapão, ha dias, uma filha da viuva de José Nunes.

Parece que estava para casar em breves dias com o pae do fructo do seu amor.

Que a terra lhe seja leve.

—Já ha dias que se encontra atacado de loucura o sr. José d'Oliveira, do visinho lugar da Povoia do Carreiro.

Sinto deveras.

—Falleceu aqui no dia 15 do corrente, realisando-se o funeral no dia seguinte, uma filhinha do meu amigo sr. Antonio Simões de Carvalho, a quem envio os meus pezames. — *Gil.*

Azurva, 20

A carreta funeraria que o nosso presante conterraneo, sr. Manuel Marques Ribeiro, offereceu para este lugar, foi estreada no dia 16, em Alquerubim, no enterro da esposa do sr. Manuel Maria Amador.

—Cá temos outra vez os gatunos. Outra vez é como quem diz, porque me parece que tal praga ainda nos deixou.

A queixosa, agora, é a sr.ª Engracia Rezende. Pelo que ella diz, alguém encarregou-se de lhe levar todos os seus arranjos de casa: hoje um pouco de feijão, amanhã algum milho, no outro dia uma panela com unto...

Ha-de ser d'uma habilidade rara o auctor da proeza, porque já tantas vezes foi ao moinho e ainda de nehumia deixou lá o feiohno...

Mas — prevenimo-lo — o proverbio ainda é verdadeiro...

—Realisou-se no dia 18 o baptisado d'uma filha da sr.ª Maria d'Oliveira, a Pataca, sendo padrinhos a sr.ª Maria da Piedade e genro do sr. João da Silva.

—C.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte	163\$150
Manoel Ferreira Barbosa	1\$300
João Marques Graça Junior	1\$300
Clemente Ferreira das Neves	1\$300

Somma 167\$050

*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senho-

nhecimentos litterarios e scientificos d'esses que todas as senhoras de boa sociedade tem obrigação imprescindivel de possuir, do que fundamentar exclusivamente o seu orgulho na exhibição de arrebuques grotescos e de toilettes espalhafatossas.

Mas em breve a conscienciosa preceptora teve de convencer se, com verdadeira magua, de que os seus conselhos, tão sensatos e tão judiciosos, eram semente lançada em terreno arenoso e improductivo.

As razões que ella adduzia, para a convencer a entregar-se ao estudo, iam desfazer-se de encontro á inabalavel obstinação de Laura.

—A instrução — respondia-lhe ella — poderá ter um grande valor para os homens, mas é completamente inutil ás mulheres. O uso da leitura, obrigando a applicar excessivamente a vista, turva-lhes a limpidez do olhar; a escripta estraga-lhes as mãos, manchando-as de tinta, e callejando as pontas rosadas dos seus mimosos dedos pelo atrito da caneta. Portanto escusam

ra D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

ANNUNCIOS

LEÓN TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razões, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

ABC Ilustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho — 158, Rua da Prata, 160, LISBOA

PHARMACIA

ARISTIDES DE FIGUEIREDO

EIXO

SERVICIO PERMANENTE

Esta nova pharmacia, moderadamente montada, encontra-se, desde já, habilitada a poder aviar quaesquer prescrições da antiga ou moderna therapeutica.

Grande redução de preços, a prompto pagamento.

de téimar: — não quero aprender a lêr nem a escrever.

E assim, contra o que seus paes lhe prognosticavam, a Laura — já a esse tempo uma senhora, quasi se mostrava ufana da sua completa ignorancia!

* * *

Laura era dotada de uma belleza pouco vulgar. Comtudo, não despertára ainda uma unica paixão. Os homens graves e reflectidos que a tratavam de perto, admiravam-lhe os dotes peregrinos do seu corpo, perfeito exemplar da esthetica feminina, mas no seu intimo desprezavam-na como uma boneca frivola e inutil.

E mau grado seu, ella não podia deixar de reconhecer esse desprezo, que a enchia do mais alteroso despeito.

Um bello dia, porém, percebeu, com grande regosijo, que um rapaz elegante, um verdadeiro dandy, porventura tão frivolo e tão inutil como ella, se deixára captivar dos seus encantos.

(Conclue no proximo numero).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR
DA
LINGUA PORTUGUEZA

PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . . 100 réis

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

MANUSCRITO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARJAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alquem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de character permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, cons-

tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias



AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.^a e 2.^a reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil—anno—(moeda forte) 2\$200

Annuncios, por cada linha . . . 10 réis
Communicados, cada linha . . . 20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.^o ANNO—N.^o 5

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Inri.